

ATITUDES DE ALUNOS ESPECTADORES DE PRÁTICAS DE BULLYING NA ESCOLA¹

Igor Soares Vieira*
 Andreia Poschi Barbosa Torales**
 Marлизete Maldonado Vargas***
 Cristiane Costa da Cunha Oliveira****

RESUMO

O objetivo foi analisar a prevalência de alunos que testemunham situações de violência escolar, com identificação de atitudes desses espectadores na problemática do *bullying* em Aracaju e Nossa Senhora do Socorro, Sergipe, Brasil. Estudo transversal de natureza quantitativa, desenvolvido no período de agosto de 2012 a setembro de 2013. Participaram 753 adolescentes. O plano amostral foi baseado na população de alunos matriculados em escolas públicas estaduais da Grande Aracaju. Foi utilizado um questionário validado de Violência entre Pares desenvolvido na Universidade de Lisboa. Mais da metade dos sujeitos da pesquisa (51,4%) testemunharam situações de violência. Entre formas de agressão mais observadas, o *bullying* verbal teve maior frequência (55,60%), seguido do *bullying* físico (29%). As principais reações das vítimas de *bullying*, e dos que presenciaram alguma situação de agressão foi não revidar (42,6%), pedir ao agressor para parar (21,8%) e recorrer a um adulto (12,87%). As vítimas foram apoiadas positivamente pelos espectadores principalmente quando o agressor era do sexo masculino, mais velho e integrado na mesma turma. O apoio ao agressor ocorreu quando maus-tratos foram perpetuados por indivíduos mais velhos, do sexo masculino e pertencentes a outra turma. Os espectadores ainda não constituem uma rede de amparo, envolvendo-se passivamente no término do *bullying*.

Palavras-chave: *Bullying*. Violência. Comportamento do Adolescente. Epidemiologia.

INTRODUÇÃO

A escola é um dos principais ambientes responsáveis pelo processo de desenvolvimento de habilidades sociais da criança, assim a qualidade de relações que as crianças estabelecem nos grupos de iguais, podem ser tanto potencializadoras das competências e habilidades sociais positivas, como agregadoras de comportamentos inadequados ou desviantes⁽¹⁾.

No ambiente escolar comportamentos socialmente inadequados costumam se configurar como *bullying*, termo que não tem uma tradução para a língua portuguesa, mas pode ser definido como um conjunto de atitudes agressivas e/ou intimidadoras, intencionais e repetitivas praticadas entre indivíduos ou grupos de iguais, que ocorre sem motivação aparente, e

que costuma causar sofrimentos físicos e psicológicos nas vítimas. O *bullying* pode ser classificado como direto, representado por agressões físicas, roubo ou dano de pertences, apelidos, gestos ofensivos e agressões verbais; ou indireto perpetrado geralmente, quando a vítima não está presente, como espalhar rumores pejorativos, excluir socialmente e/ou adotar atitudes de indiferença diante do indivíduo⁽²⁾.

O espectador, tem muita importância no estudo da dinâmica de *bullying*, pois se constitui no terceiro elemento depois do agressor e vítima, e adquire uma atenção especial de pesquisadores^(3,4,5,6). Explicações sobre o seu papel na cena de *bullying* e o de seus silêncios se remetem ao medo de ser a próxima vítima ou de ser punido pelas autoridades ao ser considerado coautor da violência; à necessidade de se colocar do lado dos mais fortes (agressores) para não se sentir excluído do grupo; à falta de habilidades sociais

¹ Financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe – FAPITEC.

* Psicólogo, mestre e doutorando em Saúde e Comportamento. Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Pelotas – RS, Brasil. E-mail: igosv@hotmail.com

** Psicóloga, mestre e doutoranda em Saúde e Ambiente. Universidade Tiradentes (UNIT). Aracaju – SE, Brasil. E-mail: andreiaposchi@msn.com

*** Psicóloga, doutora em Psicologia. Membro permanente do corpo docente do Programa de Doutorado e Mestrado em Saúde e Ambiente da Universidade Tiradentes (UNIT) e Pesquisadora do Instituto de Tecnologia e Pesquisa (ITP). E-mail: marlizete_maldonado@itp.org.br

**** Cirurgiã Dentista, doutora em Saúde Coletiva. Membro permanente do corpo docente do Programa de Doutorado e Mestrado em Saúde e Ambiente da Universidade Tiradentes (UNIT) e Pesquisadora do Instituto de Tecnologia e Pesquisa (ITP). E-mail: cristiane_cunha@itp.org.br

para intervir na relação de violência, que limita suas ações; a crença de que crianças e jovens estão tão acostumados à violência em diferentes ambientes sociais que poderão percebê-la como normal e natural, também no ambiente escolar; ou mesmo, explicações pautadas na identificação com o agressor e a satisfação ao presenciar a cena. Todas essas explicações, no entanto, se restringem à violência em si, ignorando que o fenômeno é muito mais complexo e sistêmico, envolvendo a sociedade, a família e a subjetividade dos sujeitos envolvidos no *bullying*⁽⁶⁾.

Um estudo realizado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) apontou que cerca de 80% dos alunos não aprova os atos de *bullying* e grande parte das testemunhas sente empatia pelas vítimas, condena o comportamento dos agressores e deseja que alguma intervenção eficaz seja realizada pela escola⁽³⁾.

Na maioria das ocorrências de *bullying* os colegas e funcionários das escolas as presenciam, no entanto, os professores tendem a camuflar/ocultar os casos, usando, por exemplo a exclusão social e intimidação⁽⁵⁾. Algumas consequências negativas entre os espectadores do *bullying* são o aumento da ansiedade, a diminuição nos níveis de aprendizagem, além do impacto negativo significativo sobre vários indicadores de saúde mental (como os níveis de depressão, hostilidade e paranoia)⁽⁷⁾. Outras consequências observadas nos espectadores são as queixas psicossomáticas, como dores de cabeça e associadas a níveis mais baixos de realização acadêmica e adaptação social⁽⁸⁾.

A escassez de estudos que demonstrem a percepção dos espectadores de *bullying* sobre os locais de ocorrência, as atitudes dos que testemunham situações de violência, perfil das vítimas e agressores, faz com que o presente estudo se justifique para planejamento de políticas que possam ser mais efetivas.

Nesse contexto constatou-se a relevância de levantar as atitudes dos alunos espectadores de *bullying*, e compreender se as mesmas se referem a explicações já levantadas pelos autores estudados ou trazem novas questões que possam contribuir ao conhecimento científico sobre o tema e fundamentar propostas de intervenções

preventivas. O objetivo deste estudo foi identificar a atitude dos alunos espectadores de violência escolar e sua prevalência na Grande Aracaju, Sergipe.

METODOLOGIA

Estudo transversal de natureza quantitativa, desenvolvido no período de agosto de 2012 a setembro de 2013. Participaram 753 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 13 e 20 anos. O plano amostral desta pesquisa foi baseado na população de alunos matriculados em escolas públicas estaduais da Grande Aracaju, onde foram selecionados os municípios de Aracaju e Nossa Senhora do Socorro, divididos em dois estratos, (8º e 9º ano do ensino fundamental e 1ª e 2ª série do ensino médio), de acordo com informações fornecidas pela Secretaria de Estado da Educação de Sergipe.

Para que o estudo pudesse ter um caráter representativo o plano de amostragem foi calculado por meio de seleção aleatória por conglomerado para a escolha das escolas, respeitando os critérios de proporcionalidade do número de alunos nos dois estratos acima referidos.

Foi utilizado um questionário desenvolvido na Universidade de Lisboa⁽⁹⁾ e validado no Brasil⁽¹⁰⁾ que tem como objetivo identificar alunos agressores, vítimas e espectadores frequentes de situações de maus-tratos. Trata-se de um questionário autoaplicável, dividido em três partes, além da caracterização dos sujeitos.

A coleta de dados foi realizada por quatro aplicadores previamente treinados. Os pesquisadores explicaram os objetivos do estudo a todos os alunos presentes em sala de aula. Foram aplicados os questionários a todos aqueles que aceitaram participar da pesquisa com a devolução dos termos de consentimento. O instrumento foi respondido em sala de aula, individualmente, de forma confidencial e anônima, sob supervisão dos aplicadores.

Foram realizadas análises de distribuição de frequência e análises bivariadas com aplicação dos testes de correlação de Pearson e qui-quadrado. Utilizou-se o teste Monte Carlo para verificar a associação linear entre a faixa etária e o número de vítimas apontado pelos sujeitos. Nos resultados em que as suposições do teste

qui-quadrado não foram atendidas utilizou-se o Teste V-Cramer para verificar o grau da associação, considerando como efeito pequeno quando $r=0,1$, médio $r=0,3$ e grande $r=0,5$. Valores de p menores de 0,05 foram considerados indicativos de significância estatística.

Foram incluídos todos os adolescentes presentes nas salas de aula que aceitaram participar do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos responsáveis. Foram excluídos os alunos que não responderam a 10% ou mais das questões.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Tiradentes/SE (protocolo nº 251211), sendo o material aqui apresentado fruto de pesquisa original.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 753 adolescentes, com idade média de 15,78 (DP= 1,61 anos), sendo 60,7% do sexo feminino e 39,3% do sexo masculino. Um percentual expressivo de alunos vivenciou experiências de reprovação escolar (43,8%).

A maioria dos alunos (66,8%), disseram ter pais que vivem na mesma casa. Quanto ao estado civil dos pais, 50,3% eram casados, 23,8%, separados, 22,7%, divorciados e 18,3% distribuídos entre solteiros, viúvos e em união estável. A maioria dos pais não completou o ensino fundamental (43,1%) e apenas 26,5% haviam concluído o ensino médio, enquanto que 31% das mães terminaram o ensino médio e 14,8% completaram o ensino fundamental ($\chi^2=315,339$; $p=0,001$). Com relação ao número de irmãos, 89,7% têm irmãos, sendo 45,3% de um a dois irmãos e 54,7% mais que três irmãos.

Dentre o total dos estudantes pesquisados, 30,8% foram vítimas e 25,6% dos alunos atuaram como agressores, sem diferença significativa entre os sexos ($p>0,05$). Grande parte dos alunos testemunharam situações de violência (48,7%), sendo esta prevalência maior em comparação com outros estudos^(11, 12). Foi observado maior incidência de *bullying* nos anos iniciais, e com o avançar do ano escolar (após o 9º ano) as situações de violência diminuem ($p<0,015$). Houve menor incidência de *bullying* com o aumento da idade (Teste de Monte Carlo para associação linear = 3,751; $p=0,035$; IC= (0,034-0,061) (Tabela1). A literatura aponta um decréscimo no número de vítimas conforme aumenta a escolaridade, fato que se deve ao aumento da competência social dos alunos somados à diminuição da vulnerabilidade às situações de maus tratos. Conjuntamente, esses dados poderiam justificar essa queda nos índices de vitimização encontrada nos participantes desse estudo⁽¹³⁾.

A defesa do comportamento agressivo pelo observador também tende a diminuir com a idade, bem como há a menor probabilidade de simpatizar com as vítimas ou a intervir em seu nome⁽¹⁴⁾. Assim, o relacionamento entre os colegas parece ser mais importante para os estudantes mais velhos, cujo potencial de proteção para com os colegas pode ser inibido pelas expectativas e normas de seu grupo. As crianças com idade inferior a nove anos não haviam sido afetadas por esta "inibição social" contra a ajuda. Os estudantes que haviam superado essas pressões e defendiam as vítimas apresentavam predisposição a ter status social elevado e ser bem querido pelos colegas. Eles também eram mais empáticos, emocionalmente estáveis e cognitivamente crianças com um bom desenvolvimento⁽⁴⁾.

Tabela 1- Distribuição dos alunos que presenciaram ou não situações de *bullying* de acordo com a faixa etária – Grande Aracaju, SE, Brasil, 2013.

Faixa etária	Presenciou situação de Bullying						Total
	Não respondeu		Sim		Não		
	N	%	N	%	N	%	N
13-14	10	5,7	110	62,5	56	31,8	176
15-16	36	11,7	158	51,1	115	37,2	309
17-18	45	19,4	91	39,2	96	41,4	232
19-20	5	16,1	6	19,4	20	64,5	31
Total	96	12,8	365	48,8	287	38,4	748

Teste Qui-Quadrado $\chi^2=40,528$ / $p=0,0001$. Monte Carlo $p=0,035$; IC= (0,034-0,061).

Quanto às formas de agressão mais observadas, os sujeitos desse estudo apontaram o *bullying* verbal em maior frequência (55,60%) (gozos, humilhações, ofensas), seguido do *bullying* físico (29%) (chutes, empurrão, contusão, socos, pontapés). Relativamente outras formas de vitimação, há ainda a considerar que alguns sujeitos passam por situações do tipo: roubo de coisas (4,30%); ameaças (8,20%); destruição de objetos pessoais ou roupas (2,80%). Comparativamente ao sexo masculino (31%), as meninas (47%) tiveram mais comportamentos violentos ligados, na ótica do observador, a Exclusão Social e Agressão Verbal do que os meninos.

As meninas apresentaram resultados mais expressivos, no que se refere à exclusão social e agressão verbal; apontando, uma tendência em estarem envolvidas em situações de agressão indireta ou verbal e os meninos em situações de agressões físicas.

Ao analisar os locais em que os alunos mais observam atos violentos, os alunos do Ensino Médio (2º e 3º ano), declaram ser a sala de aula como local de maior ocorrência de *bullying* (8,31% e 7,65%, respectivamente), o que também é observado em outros estudos⁽¹¹⁾. No 8º e 9º ano predominaram as respostas dos que apontaram o intervalo como lugar ideal para os agressores abordarem as suas vítimas (17,30% e 17,30%, respectivamente). Corroborando esse achado, outros estudos confirmam que a sala de aula é o local maior ocorrência do *bullying* entre alunos de Ensino Fundamental e no Ensino Médio o momento de intervalo⁽¹⁵⁾.

Cerca de 82% dos espectadores não aprovam os atos de *bullying* e condenam o comportamento dos autores (92,3%), embora revidar, não tenha sido a principal reação de um alvo de *bullying*, segundo os espectadores. Os dados revelaram que a atitude mais frequente daqueles que presenciam alguma situação de agressão, é de “não fazerem nada” (47,50%). Não houve diferenças significativas entre os anos escolares pesquisados ($p=0,55$). Não obstante, o “pedir ao agressor para parar” (22,40%) é apontada por 20% dos espectadores, seguido do “recorrer a um adulto” (15,0%) ($\chi^2=1,33 / p=0,44$).

O repúdio às práticas agressivas também foi muito frequente entre os estudantes, no entanto,

intervir não foi a conduta mais verificada⁽¹⁶⁾. Apontaram que “não fazer nada”, “não se envolver” e somente “observar” poderiam ser indicadores mais representativos que conduz ao afastamento, fazendo com que os espectadores passem a observar apenas os incidentes de agressão sem intervirem. No presente estudo notou-se que os espectadores que não se envolvem representaram a maior parte de alunos, dentro do grupo de testemunhas.

O medo de tornar-se a próxima vítima do *bullying* faz com que o silêncio predomine, deixando para as próprias vítimas ou autoridades as providências e iniciativas necessárias para o controle, combate e prevenção ao fenômeno. Esse clima de silêncio pode ser explicado como afirmação do poder por parte do agressor, o que ajuda a encobrir a prevalência desses atos. Em outros casos, os espectadores apoiam e incentivam as agressões. Ainda que internamente não estejam de acordo com a postura dos agressores, compartilham falsamente do mesmo sentimento para se firmarem perante ao grupo, e por isso, tornam-se autores de *bullying*. Calar-se diante das agressões é tão grave e reprovável quanto o próprio estímulo à violência. Configura uma espécie de manifestação de apoio aos autores do *bullying*, já que estes podem entender o silêncio como aprovação de sua conduta, ou ainda, a própria corresponsabilidade do observador pela violência desferida contra a vítima⁽³⁾.

O fato é que, quando as testemunhas interferem e tentam cessar o *bullying*, essas ações são efetivas na maioria dos casos. Mesmo que o comportamento *bullying* continue, a experiência subjetiva de uma vítima que tem um ou mais adeptos entre os pares é provavelmente muito diferente de uma vítima que não tem ninguém em seu lado. Portanto, é importante incentivar o uso desse poder advindo do grupo, fazendo com que os autores de *bullying* se sintam sem o apoio social necessário⁽¹⁷⁾.

Os alunos afirmaram gostar do relacionamento com os colegas e do ambiente escolar (80%), apesar dos relatos de situações percebidas de violência escolar. Talvez, por serem episódios isolados e predominantemente verbais, e não físicos, não afetaram a avaliação positiva que os alunos fizeram da escola e do relacionamento com seus colegas. Os altos

índices de avaliações positivas em conjunto com os índices de vitimização abrem perspectivas para que, quando as crianças apresentam comportamento agressivo orientado para objetivos socialmente aceitos não sejam percebidos negativamente como foi apontado num estudo realizado com escolares do Estado de São Paulo⁽¹⁸⁾.

Sobre as atitudes que poderiam ou deveriam tomar para ajudar quem sofre *bullying* na escola, após o agrupamento das respostas em categorias de análise, constatou-se que, 21,2% dos alunos acreditam que falar com a direção, inspetores, pais, professores e polícia seriam suficientes para ajudar as vítimas. Já, 14% dos alunos apontaram que

expulsar o agressor da escola resolveria o problema, e apenas 8,25% ressaltaram que a direção e os funcionários deveriam estar mais atentos a situações de maus tratos.

Existe uma forte associação entre as razões dos agressores e as atitudes dos espectadores, isto é, pode-se referir que as atitudes dos espectadores se diferenciam em face de diversas razões de perpetuidade de agressão.

Os relatos revelaram as atitudes passivas dos espectadores face, principalmente, às brincadeiras jocosas, reações às provocações violentas, atitudes irritantes e vingança dos agressores para com suas vítimas (VCramer = 0.717; $p=0,001$). (Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição de frequência das atitudes dos espectadores de acordo com as razões dos agressores - Grande Aracaju, SE, Brasil, 2013.

Atitude do observador **	Razões do agressor							Total
	Vingança	Defesa de outros	Desprezo	Brincadeira	Reação a provocação	Irritação	Outra	
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n
Não fiz nada	5(33,3)	7(30,4)	2(13,3)	32(45,1)	17(42,5)	12(41,4)	3(75,0)	78
Fugi/tive medo	1(6,7)	2(8,7)	1(6,7)	1(1,4)	1(2,5)	1(3,4)	1(25,0)	8
Recorri a um adulto	2(13,3)	3(13,0)	3(20,0)	10(14,1)	4(10,0)	2(6,9)	0(0,0)	24
Pedi ao agressor para parar	2(13,3)	8(34,8)	3(20,0)	7(9,9)	10(25,0)	6(20,7)	0(0,0)	36
Aproximei-me para ver	0(0,0)	0(0,0)	0(0,0)	12(16,9)	1(2,5)	1(3,4)	0(0,0)	14
Apoiei o agressor	0(0,0)	0(0,0)	0(0,0)	0(0,0)	0(0,0)	2(6,9)	0(0,0)	2
Aconselhei a afastar-se do agressor	2(13,3)	2(8,7)	6(40,0)	4(5,6)	3(7,5)	1(3,4)	0(0,0)	18
Ri da situação	1(6,7)	0(0,0)	0(0,0)	1(1,4)	1(2,5)	2(6,9)	0(0,0)	5
Apoiei o agredido	1(6,7)	1(4,3)	0(0,0)	3(4,2)	3(7,5)	1(3,4)	0(0,0)	9
Outra	1(6,7)	0(0,0)	0(0,0)	1(1,4)	0(0,0)	1(3,4)	0(0,0)	3
Total	15(100,0)	23(100,0)	15(100,0)	71(100,0)	40(100,0)	29(100,0)	4(100,0)	197

^aPhi = 0.732; ^{*}VCramer = 0.717; $p=0,001$

Em sua maior parte, foram identificadas atitudes passivas dos espectadores face principalmente as “brincadeiras”, “reações a provocações” e de “irritação” dos agressores, ao invés de tomarem uma atitude de “pedir ao agressor para parar” quando este “reage a provocações. Parecem ignorar, desvalorizar ou recusar conhecer as intensas feridas emocionais que este fenômeno pode provocar naqueles a quem se agride. Todavia, ainda face a “brincadeiras” dos agressores, existiram aqueles, embora em menor percentual, que tomaram outro tipo de atitudes como “recorrer a um

adulto” “pedi ao agressor para parar” e “aconselhar a vítima afastar-se do agressor”.

Como consequências, as relações positivas de amizade ficam comprometidas, valorizando-se aquelas que não são socialmente satisfatórias. Ou seja, os agressores têm atitudes positivas com a violência e a percepção de competência social parece ser construída com base no domínio sobre os outros e no protagonismo social que as condutas agressivas lhes proporcionam⁽¹⁹⁾.

Pode-se considerar a existência de uma associação positiva entre as atitudes dos espectadores e as características dos agressores.

As vítimas são apoiadas positivamente pelos espectadores, quando o agressor é do sexo masculino; mais velhos e estão integrados na mesma turma ($p=0,001$), considerando as atitudes “pedir ao agressor para parar” (a agressão), “recorrer a um adulto” e “aconselhei-a a afastar-se do agressor”. Pôde-se também observar que a atitude de “apoiar o agressor” por parte dos espectadores é considerada principalmente, quando as agressões são perpetuadas por indivíduos mais velhos, do sexo masculino e pertencentes a outra turma de outro ano (Tabela 3).

Atitudes apáticas dos responsáveis pela ação educativa e a não repreensão dos alunos provocadores pelos mesmos (até mesmo pelos professores) podem levar os alunos a acreditarem não só no princípio de que este

apoio é escasso, como podem resultar no abandono escolar. Este fato, por todas as implicações que apresenta, como a relação existente entre baixa escolaridade e dificuldades em ingressar no mercado de trabalho, pode levar à exclusão social ⁽²⁰⁾. Revelou-se, no ponto de vista destes alunos, incapacidades destes agentes mais adultos tenderem para a resolução imediata de conflitos entre pares ao invés de uma política anti-*bullying* mais duradoura.

Atitudes relativamente simples de respeito e de afeto por parte do professor podem ser muito positivas e podem contribuir para a diminuição da violência no ambiente escolar. Na perspectiva dos espectadores, o apoio oferecido às vítimas pelos professores, também poderá ser manifestado, sem que o mesmo seja do conhecimento dos outros alunos.

Tabela 3. Distribuição de frequência das atitudes dos espectadores em relação às características dos agressores – Grande Aracaju, SE, Brasil, 2013.

Atitudes do observador	Características dos Agressores							
	Idade*		Sexo ^a			Pertencer à classe [#]		
	Mais velhos	Mais novos	Da mesma idade	Masc.	Fem.	Da sua turma	De outra turma do mesmo ano	De outra turma de outro ano
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
Não fiz nada	15(35,7)	4(9,5)	23(54,8)	29(69,0)	13(31,0)	18(52,0)	7(20,6)	9(26,5)
Fugi/tive medo	3(7,5)	1(2,5)	0(0,0)	3(7,5)	1(2,5)	1(3,3)	0(0,0)	2(6,7)
Recorri a um adulto	14(60,9)	2(8,7)	7(30,4)	11(47,8)	12(52,2)	10(45,5)	3(13,6)	9(40,9)
Pedi ao agressor para parar	19(76,0)	0(0,0)	6(24,0)	14(56,0)	11(44,0)	10(47,6)	3(14,3)	8(38,1)
Aproximei-me para ver	1(3,3)	0(0,0)	2(6,7)	3(10,0)	0(0,0)	3(10,0)	0(0,0)	0(0,0)
Aconselhei a afastar-se do agressor	8(61,6)	1(7,7)	4(30,8)	9(69,2)	4(30,8)	9(69,2)	2(15,4)	2(15,4)
Apoiei o agressor	3 (7,5)	1(2,5)	0(0,0)	3(7,5)	1(2,5)	0(0,0)	1(2,5)	3(7,5)
Outra	0 (0,0)	0(0,0)	1(100,0)	0(0,0)	1(100,0)	1(100,0)	0(0,0)	0(0,0)
Total	57	9	49	72	43	52	16	33

[#]Quatorze alunos não responderam à questão. *VCramer = 0.471, $p=0,001$; ^aVCramer = 0.477, $p=0,001$; ^xVCramer = 0.797, $p=0,001$.

O assédio moral e papel vitimização pode ser mais visível aos funcionários da escola (professores, administradores e psicólogos escolares), portanto, há uma necessidade de uma maior consciência de que episódios de *bullying* existem e envolvem várias pessoas em várias funções, incluindo um grande número de alunos que testemunham esses episódios. É relevante que os responsáveis pela ação possam trabalhar com os alunos que testemunham o *bullying*, para identificar e planejar estratégias

comportamentais positivas para combater o *bullying*, promover a empatia ou a construção de forças pessoais e interpessoais para que eles possam assumir o papel de “defensor” ao invés de “não fazer nada”.

Como estratégia de intervenção frente a esse problema, a equipe de gerenciamento escolar poderia reconsiderar a sua política pedagógica a favor da diversidade. Histórias de vida se inter cruzam diariamente no contexto escolar envolvendo situações de violência, exigindo de

todos nós uma posição e uma atitude proativa a combater essa problemática, que nem sempre é reconhecida pela instituição. A negação deste problema, baseia-se no desconhecimento, que pode estar ligado a uma subestimação da importância das violências mais tênues na experiência das vítimas na escola⁽¹⁹⁾.

CONCLUSÃO

Verificou-se que apesar da maioria absoluta dos espectadores declararem não aprovar os atos de bullying na escola, eles não tiveram atitudes que pudessem interferir positivamente na extinção da agressão. A impunidade nos diversos ambientes de nossa sociedade e a corrupção sistêmica que se verifica em todos os estratos sociais no país, pode se constituir num importante fator para alimentar a passividade e até indiferença dos alunos pesquisados frente à violência na escola. Outro fator relevante foi a baixa incidência de atitudes relacionadas à busca de apoio de professores ou outros funcionários da escola, o que leva a atentar para a falta de confiança/apoio dos educadores percebida pelos espectadores de bullying.

Faz-se necessário que a escola e a comunidade contando com o apoio das famílias, assumam mais firmemente posições segundo as quais, qualquer tipo de agressão seja inaceitável, não em função de leis rígidas ou punição, mas por empatia e sentido de solidariedade. Ações de sensibilização no espaço escolar, deveriam ser prioridade como ação educativa para a promoção da saúde e bem-estar social. Observa-se que isso não é possível sem um trabalho de rede que envolva os profissionais dos diversos campos do conhecimento, alunos, suas famílias e a comunidade. A família e a escola, pelo papel fundamental que exercem no desenvolvimento de habilidades sociais das crianças e adolescentes, deveriam ser o foco na implementação de estratégias para resolução dos conflitos. Assim, o desenvolvimento de competências individuais e sociais devem fazer parte destas estratégias para desenvolver nas crianças e condutas assertivas, preventivas ou reparadora quando o respeito pelo outro, a equidade e harmonia no ambiente escolar estejam ou corram o risco de serem violadas.

ATTITUDES OF BULLYING PRACTICES BYSTANDERS STUDENTS AT SCHOOL

ABSTRACT

The objective was to analyze the prevalence of students who were bystander's violence situations at school, making identification about attitudes of these observers on the issue of *bullying* in Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, Sergipe, Brazil. Cross quantitative study was carried out from August 2012 to September 2013. There were 753 adolescent's participants. The sampling plan was based on the population of students enrolled in public schools of Grande Aracaju. We used the questionnaire "Peer Violence". The subjects who have witnessed violent situations were (51.4%). On ways to more observed aggression, verbal *bullying* was the most frequent (55.60%), followed by physical *bullying* (29%). The main reactions of victims of *bullying*, and who witnessed some aggression situation was not retaliate (42.6%), asking the aggressor to stop (21.8%) and calling an adult (12.87%). The victims were supported positively by the bystanders when the perpetrator was mostly male, older and integrated in the same class. Support for the aggressor occurred when ill-treatment was perpetuated by older individuals, male and belonging to another class. Bystanders have no yet constituted a network of supporting, and they have been engaged passively in ending *bullying*.

Keywords: *Bullying*. Violence. Adolescent behavior. Epidemiology.

ACTITUDES DE ALUMNOS ESPECTADORES DE PRÁCTICAS DE BULLYING EN LA ESCUELA

RESUMEN

El objetivo fue analizar la prevalencia de alumnos que atestiguaron situaciones de violencia escolar, con identificación de actitudes de estos espectadores en la problemática del acoso escolar (*bullying*) en Aracaju y Nossa Senhora do Socorro, Sergipe, Brasil. Estudio transversal de naturaleza cuantitativa, desarrollado en el período de agosto de 2012 a septiembre de 2013. Participaron 753 adolescentes. El método de muestreo fue basado en la población de alumnos inscriptos en escuelas públicas estatales de Grande Aracaju. Fue utilizado un cuestionario nombrado de Violencia entre Pares desarrollado en la Universidad de Lisboa. Más de la mitad de los sujetos de la investigación (51,4%) atestiguaron situación de violencia. Entre las formas de agresiones más observadas, el acoso escolar (*bullying*) verbal tuvo mayor frecuencia (55,60%), seguido del *bullying* físico (29%). Las principales reacciones de las víctimas de *bullying*, y de los que presenciaron alguna situación de agresión

fue no reaccionar (42,6%); pedir al agresor a que parara (21,8%); y recurrir a un adulto (12,87%). Las víctimas fueron apoyadas positivamente por los espectadores, principalmente cuando el agresor era del sexo masculino, mayor e integrado en el mismo grupo. El apoyo al agresor ocurrió cuando malos tratos fueron perpetuados por individuos mayores, del sexo masculino y pertenecientes a otro grupo. Los espectadores todavía no constituyen una red de amparo, involucrándose pasivamente en el término del acoso.

Palabras clave: *Bullying*. Violencia. Comportamiento del Adolescente. Epidemiología.

REFERÊNCIAS

01. Pereira B, Silva MI, Nunes B. Descrever o *bullying* na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Rev diálogo educ*. 2009; 9(28):455-66.
02. Fuentes MCP, Linares JJG. Variables relacionadas con la conducta violenta en la escuela según los estudiantes. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*. 2010; 10(3):427-37.
03. Neto AA, Saavedra LH. Diga NÃO para o *Bullying*. Rio de Janeiro: ABRAPI; 2004.
04. Salmivalli C. *Bullying* and the peer group: A review. *Aggression and Violent Behavior*. 2010; 1 (2):112-20.
05. Boulton, M. J. High school pupils' understanding of peer counselling and willingness to use it for different types of *bullying*. *Pastoral Care in Education*. 2014; 32(2):95-103.
06. Carozzo JCC. Los espectadores y el código del silencio. *Revista ESPIGA*. 2015; 14 (29):1-8.
07. Rivers I, Poterat VP, Noret N, Ashurst N. Observing *bullying* at school: The mental health implications of witness status. *School Psychology Quarterly*. 2009; 24(4):211-23.
08. Hutchinson M. Exploring the Impact of *Bullying* on Young Bystanders. *Educational Psychology in Practice*. 2012; 28(4):425-42.
09. Freire, IP, Veiga Simão, AM, Ferreira, A. O estudo da violência entre pares no 3º Ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Rev port educ*. 2006; 19(2):157-83.
10. Prosdócimo, E, Silva, RGC, Miguel, RS, Recco, KV. Meninas também agridem? Estudo sobre agressão entre escolares. *Educ Foc*. 2010; 15:59-76.
11. Pardo ISS, Lima NNS, Santucci V, Martinez J. A escola é um lugar seguro? Prevalência de *bullying* em uma amostra de estudantes de ensino médio público de Sorocaba. *Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba*. 2012; 14(3):100-104.
12. Brito CC, Oliveira MT. *Bullying* e autoestima em adolescentes de escolas públicas. *J Pediatr*. 2013; 89(6):601-607.
13. Silva CES, Oliveira RV, Bandeira DR, Souza DO. Violência entre pares: um estudo de caso numa escola pública de Esteio/RS. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. 2012; 16(1):83-93.
14. Trach J, Hymel S, Waterhouse T, Neale K. Bystander responses to school *bullying*: A cross-sectional investigation of grade and sex differences. *Canadian Journal of School Psychology*. 2010; 25(1):114-30.
15. Pizzaro HC, Jiménez MI. Maltrato entre iguales en la escuela costarricense. *Rev Educ*. 2007; 31(1):135-44.
16. Grossi PK, Santos A. Desvendando o fenômeno *bullying* nas escolas públicas de Porto Alegre, RS. *Revista port educ*. 2009; 22(2):249-267.
17. Archambault I, Janosz M, Morizot J, Pagani L. Adolescent behavioral, affective, and cognitive engagement in school: relationship to dropout. *Journal sch health*. 2009; 79(9):408-15.
18. Sisto FF. Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola. *Psicol estud*. 2005; 10(1):117-25.
19. Debarbieux E. Violência na escola: Um desafio mundial? Lisboa: Instituto Piaget; 2007.
20. Carlos DM, Ferriani MGC, Silva MAI, Leite JT. Vivências no espaço escolar de adolescentes vítimas de violência doméstica em acolhimento institucional. *Cienc cuid saude*. 2011; 10(2):298-305.

Endereço para correspondência: Cristiane Costa da Cunha Oliveira. Instituto de Tecnologia e Pesquisa- ITP, Universidade Tiradentes, Av. Murilo Dantas, 300, Prédio do ITP, Bairro Farolândia, CEP 49032-490 Aracaju, Sergipe, Brasil. Telefone: 3218-2180 (2553). E-mail: cristiane_cunha@itp.org.br

Data de recebimento: 01/11/2015

Data de aprovação: 10/03/2016